

COM O PASSADO NA FRENTE: RESGATANDO HISTÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO

FISCHER, Beatriz T. Daudt - UNISINOS / FAPERGS

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Tendo percorrido uma história de mais de três décadas como professora, ocorreu-me a possibilidade de reencontrar meus primeiros alunos. Tal desejo, inicialmente motivado por razões afetivas, passou a se configurar como oportunidade de investigação de memórias e histórias da escolarização. Na medida que tenho me dedicado aos estudos e pesquisas na dimensão histórica, verifico com maior acuidade não só a riqueza de uma pesquisa com tal objeto, como a necessidade de imprimir caráter científico ao que, num primeiro momento, mais configurava como nostalgias da meia idade. Assim, passei a procurar em meus arquivos pessoais possíveis documentos que me reportassem à época, o que me permitiu encontrar fotos e anotações, cadernos e listas de chamada, diário de classe e avaliações. Estava tudo ali: eis que eu estava *com o passado na frente*, como costumeiramente ensina a sabedoria Maia, entendendo que ao contemplar o passado, se pode “ver”. Reportei-me, então, aqueles tempos, perguntando: Onde andarão meus primeiros alunos hoje? Teriam se confirmadas algumas hipóteses da época: fulano era excelente aluno, teria tido chances de evoluir na vida? Sicrano tinha grandes dificuldades para se alfabetizar, mas era esforçado, teria persistido apesar da reprovação? Aquele outro, vinha à aula por causa da merenda, teria continuado os estudos ou não? E aquela menina bonita e tão tímida, primeira da classe, sempre de uniforme engomado, teria virado uma dona-de-casa?

O rastreamento da literatura configurou raras produções que tratassem especificamente da questão. Foi o caso de *My First year as a teacher* (Kane, 1996), com narrativas de professores lembrando suas primeiras turmas de alunos. Embora o foco esteja centrado em outro interesse, algumas categorias de análise (escolarização, gênero, etnia e classe, por exemplo), podem auxiliar. Da mesma forma, através do artigo *Une photo de classe* (Delsaut, 1997), mergulha-se no passado e no que a memória pode trazer sobre trajetórias dos sujeitos ali visualizados. Igualmente *I answer with my life*

(Casey,1993) constitui-se obra de apoio (professoras norte-americanas, atuando na periferia, contam como mudanças efetivas na escolarização dos sujeitos não necessariamente se constituem como efeitos de políticas públicas, mas de inúmeras relações e encaminhamentos do cotidiano. Entre as publicações brasileiras, destaca-se *A escolarização das elites* (2002), onde Nogueira & Almeida reúnem vários artigos analisando a histórias de escolarização em contextos nacional e internacional. Embora enfocando classe social diferente daquela que aqui se investiga, a referida produção vem contribuir.

No rastreamento de produções brasileiras no campo da história da educação, verifica-se que o estudo de trajetórias tem se detido quase exclusivamente no sujeito docente. Miriam Warde em 1993 já alertava que, nas dissertações e teses que tratam de temas pedagógicos, “constata-se desconhecimento ou indiferença frente a experiências escolares historicamente acumuladas”. Desde lá novos grupos de pesquisa foram consolidados (Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, Sociedade Brasileira de História da Educação, entre outros), vindo a crescer a produção neste campo específico. Ao se analisar, porém, a recente *Cartografia do conhecimento produzido em História da Educação na região sul Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, nos anos 80 e 90* (Bastos et alii, setembro, 2002), é possível constatar que, entre nós, estudos tendo como objeto específico as trajetórias discentes são de fato inexistentes. Ainda que novos objetos e fontes têm encontrado guarida (Nunes & Carvalho, 1993), a abordagem da história da educação brasileira sob a perspectiva de alunos constitui raridade.

Historicamente, alunos de classes populares tendem a interromper sua trajetória escolar já nas primeiras séries. Pouco tem sido analisado sob a perspectiva dos próprios sujeitos. Este projeto pretende focalizar a questão a partir de narrativas pessoais de cidadãos, cujos primeiros anos de frequência aos bancos escolares deu-se há quatro décadas. Sob a perspectiva da micro-história (Levi, 1992), valendo-nos da memória destes sujeitos (e de respectivos documentos escolares), busca-se saber como percebem seu passado enquanto estudantes, em especial no que se refere a possíveis continuidades e/ou rupturas ao longo de seus processos de escolarização. O que, de fato, se pode apreender dos processos de escolarização em geral, valendo-se da dimensão micro-

histórica? Que relações podem ser estabelecidas entre continuidades/rupturas destas trajetórias e determinados episódios ocorridos no contexto sócio-político? Em que medida análises comparativas entre trajetórias (incluindo categorias como gênero, etnia, classe social, entre outras) permitem articulações com um passado ainda presente?

Os sujeitos estiveram matriculados nos anos 1967, 1968 e 1969 na mesma escola pública, situada numa das vilas mais pobres do município de Novo Hamburgo (RS). Para fins deste estudo, foi realizada um levantamento de endereços, seguindo nomes das “listas de frequência” das turmas que, naquele período, estiveram sob a responsabilidade de determinada professora, hoje coordenadora deste projeto. A pesquisa de endereços foi possível graças à colaboração de um Tabelionato local que - sensibilizado pelo teor do projeto - disponibilizou arquivos. Entre as dificuldades está o fato de que nem sempre os endereços encontrados referem-se aos indivíduos que se busca. A partir dos 70 nomes que constavam naquelas “listas de frequência”, encontraram-se 43 endereços prováveis. A cada um/a foi enviada carta, assinada pela professora. Dirigindo-se a/o “caro/a aluno/a”, havia uma apresentação pessoal, reportando aos tempos idos, lembrando fatos e referindo a sua própria trajetória até os dias de hoje. Dizendo dos propósitos da pesquisa, convidava a responder o questionário que seguia anexo. Junto constava um envelope selado com o endereçamento para resposta. Inicialmente poucos foram os retornos, mas fez-se “rolar a bola de neve” (Marre, 1991) e, com os primeiros entrevistados fazendo referência a outros, novas entrevistas vem sendo agendadas: *Eu encontro sempre o Luisinho e o Gilmar, nós temos um time e eu falei pra eles... Eles querem o seu telefone, vão entrar em contato...(Betinho)*. Em outra entrevista, Rita, diante da foto da turma que eu lhe apresentei, vai identificando ex-colegas: *essa aqui é a Lurdes, ela trabalha na farmácia do Sesi (...) Olha aqui o Salimen, ele é músico, ele é meu amigo (...) Esta a Ana Maria, mora na minha rua...*

A partir dos primeiros depoimentos, surge a questão de saber até que ponto poderia haver relação direta entre sujeitos da classe social desfavorecida (que continuaram estudando) e sua posição na escala social atual. Essa perspectiva, de certo modo endossada veementemente num passado recente, pelas teorias reprodutivistas (Althusser, s/d; Bourdieu e Passeron, 1975), hoje já recebe restrições diante da

complexidade a ser considerada no trato das questões envolvendo escolarização. Por outro lado, talvez seja impróprio afirmar categoricamente que não exista relação direta entre origem social, continuidade na escolarização e melhoria de vida. Parafraseando Pioto D'Ávila (1998), a investigação até agora desenvolvida permite afirmar: nem é verdadeiro que todos aqueles alunos que eram de origem social um pouco melhor têm que ser hoje bem sucedidos, nem que os de condições limitadas devem estar hoje destinados ao fracasso. Secundarizando o enfoque sociológico, aqui pretende-se uma análise de base histórica. Esta é uma questão a ser considerada com maior acuidade, na medida em que se obtiver maior número de dados, fazendo-se a partir deles as relações possíveis.

Nesta etapa do projeto, embora haja motivação para tecer considerações importantes, análises preliminares podem ser consideradas precipitadas. Contabilizando-se os retornos até agora conseguidos, verifica-se que, de acordo com a correspondência encaminhada, há ainda 28 ex-alunos que não deram seu retorno. Além disso, há nomes que constam daquelas “listas de chamada” cujos endereços precisam ser ainda identificados. Mesmo assim, anuncia-se um rico manancial de novas descobertas, em parte respondendo desde agora algumas das questões colocadas, e em parte instaurando outras, igualmente desafiadoras. Pode-se, afirmar que agora a investigação começa efetivamente a tomar fôlego: os primeiros que aderiram ao chamado também começam a ajudar na busca dos demais sujeitos da pesquisa. De certa forma, começam a integrar efetivamente o projeto.

A próxima etapa, além de dar continuidade na busca de entrevistados, iniciará a consulta aos documentos da(s) escola(s) por onde passaram, embora se saiba das dificuldades em se preservar documentação escolar em nosso país (Werle, 2002). Assim, lidando com um tempo não tão distante e focalizando um contexto determinado, pretende-se contribuir com o campo da educação sob o enfoque da micro-história. Fatos aparentemente insignificantes podem fazer emergir questões mais gerais. Como diz Revel (1989), não encarando o social como um objeto investido de propriedades inerentes, mas como um conjunto de inter-relacionamentos em contínuas adaptações. De fato, forças em luta, explicitadas em diferentes instâncias de micro-poder (Foucault, 1995).

Encerrando, vale ainda registrar que tem sido surpreendente o interesse dos que ouvem acerca desta proposta, quer pelo inusitado da abordagem, quer pela busca de referenciais, o que aumenta a responsabilidade de se levar adiante este trabalho, adicionando a ele o rigor metodológico inerente a estudos desta natureza.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Maria Helena. TAMBARA, Elomar, KREUTZ, Lúcio (Org) Histórias e Memórias da Educação do Rio Grande do Sul. Pelotas: Seiva, 2002.
- DELSAUT, Yvette. Une photo de classe. Paris, Acts de la Recherche, n. 7, 1999.
- CASEY, Kathleen. I answer with my life. New York, Routledge, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro : Graal, 1995.
- KANE, Pearl Rock. My first year as a teacher. Teachers College Columbia University, New York, 1996.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história In: Burke, P. (Org), A Escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992.
- MARRE, Jacques L. História de vida e método biográfico. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.
- NOGUEIRA, Maria Alice & ALMEIDA, Ana Maria F. (Org.) A Escolarização das Elites: um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta C. Historiografia da Educação e Fontes. Cadernos ANPED. Porto Alegre, n.5, 1993.
- PIOTO D'ÁVILA, José C. Trajetória escolar, investimento familiar e determinação de classe. Educação & Sociedade, ano XIX, n. 62, abril/98.
- REVEL, J. L'histoire au ras du sol, In: Levi, Le pouvoir au village, 1989.
- WARDE, Miriam J. A produção discente dos programas de Pós-Graduação no Brasil, 1982-1991. Avaliação & perspectiva. Cadernos ANPED, Porto Alegre, 1993.
- WERLE, Flávia. Documentos Escolares, impactos das novas tecnologias. História da Educação. Pelotas:ASPHE/ FAE-UFPel, v. 6, n. 11, abr 2002.

